

FREIRE, Paulo. “Prefácio”. In: GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Práxis*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 1998.

Prefácio

Conheci Moacir Gadotti nos anos 70, em Genebra. Eu, no exílio, correndo mundo, enquanto consultor especial do World Council of Churches e ele fazendo seu doutoramento na Universidade de Genebra. Nos encontrávamos semanalmente em meu escritório, entregando-nos a uma conversa aberta, a um diálogo crítico em torno de alguns dos temas que ele trata, lucidamente, neste, que é o melhor dos seus livros.

Na verdade, **Pedagogia da Práxis** não é um livro de quem se esconde ou esconde mas de quem arriscadamente desoculta e, ao fazê-lo, explica as razões por que se opacizam acontecimentos e verdades. Mais ainda, é um livro em que o filósofo inquieto convive com o historiador arguto e atento. Nenhuma dicotomia entre o pensador que reflete profundamente e o historiador que localiza tempo-especialmente o objeto da reflexão. Historiador e filósofo trabalham juntos sem se fazerem concessões fáceis de que resultaria a negação de um ou de outro. Pelo contrário dialogar para poder iluminar com precisão o objeto que os incita e que a eles, historiador e filósofo, se entrega para ser desvelado.

O discurso, por um lado, e a linguagem ao mesmo tempo desveladora e não arrogante com que Gadotti o constrói, para mim o situa como um pensador progressivamente pós-moderno. Um pensador que, para ter verdades, sabe que é preciso delas não estar demasiado certo. Mas há certeza a não ser na incerteza do que parece absolutamente certo.

Da mesma forma como Gadotti, com acerto, não nega o pensador nem o historiador que atuam nele, é fundamental que seu leitor se experimente, ao estudá-lo, assim também. Que aceite o seu convite para, pensando o objeto, situá-lo e datá-lo. Não é possível situar ou datar um objeto sem compreendê-lo na sua razão de ser.

A *Pedagogia da Práxis*, como qualquer livro, não pode ser lido, estudado, com preconceitos, mas com o gosto da curiosidade e não apenas da curiosidade espontânea e não metódica de quem se sente atraído por uma cor mais forte, por uma forma mais marcante, mas por uma curiosidade epistemológica – a que nos move à procura da *raison d'être* do objeto.

Uma das notas positivas que caracterizam este livro é que, sendo um texto ousado, “possuidor de vontade”, dono de uma certa cara, afirmado numa certa posição, não transpira, porém, arrogância. Não sugere, sequer, que a sua é a única cara, que fora da sua verdade não há solução. Mais uma vez a sua pós-modernidade. O que o texto deixa nas entrelinhas é a esperança do seu autor em que seus leitores e leitoras se assumam como produtores da compreensão de seu texto,

em lugar de simplesmente procurarem como algo que ele tivesse deixado para ser descoberto por elas e por eles.

Finalmente, uma palavra a mais agora sobre minha maneira de escrever prefácios, que não é a melhor nem a pior, mas a minha.

Como fazedor deste ou daquele prefácio sinto a minha tarefa como a de quem, simplesmente, convida os prováveis leitores a assumir sua intimidade com o livro. A se comprometerem com a “re-escrita” do livro. E como respeito leitoras e leitores e a mim também, jamais os convidaria a se entregar a um livro que me parecesse um desencanto, a não ser que expressando o meu sentimento. E como isto não teria sentido, prefiro, nestes casos, recusar a tarefa.

A Pedagogia da Práxis, pelo contrário, me encantou.

Paulo Freire
São Paulo, agosto de 1993